

CAMPOS , Anthônia; GUSMÃO, Luciana. PROGRAMA DE INTERVENÇÃO COM EDUCADORES DO PROJETO SÓCIO-EDUCATIVO DA CIDADE.

PROGRAMA DE INTERVENÇÃO COM EDUCADORES DO PROJETO SÓCIO-EDUCATIVO DA CIDADE DE LONDRINA.

INTERVENTION PROGRAM WITH EDUCATORS OF THE SOCIAL-EDUCATIVE PROJECT OF THE CITY OF LONDRINA

Anthônia de Campos*

Luciana Gusmão**

RESUMO: O presente artigo apresenta uma intervenção realizada com 7 educadores de um projeto Sócio – Educativo da cidade de Londrina. Estes profissionais entram em contato direto com seus educandos, servindo, na maioria das vezes, como modelo para os mesmos. Desgastados emocionalmente, muitos deles perdem o ânimo de ensinar e acabam realizando suas atividades sem prazer. Com isso podem fazer uso de métodos punitivos na tentativa de educar esta população. Este trabalho teve como objetivo discutir através das práticas educativas destes profissionais, a utilização de tais métodos e suas implicações, a fim de promover conhecimento de práticas educativas não punitivas, que sejam eficazes para criar e manter um repertório de comportamentos referentes às relações interpessoais adequadas. Enfatizando a necessidade do autoconhecimento e a importância da comunicação verbal e não verbal.

PALAVRAS-CHAVE: Educadores; Crianças; Vulnerabilidade Social.

ABSTRACT: The article presents an intervention carried through with 7 educators of a Social - Educative project of the city of Londrina. These professionals have direct contact with its students, serving, most of the time, as model for the same ones. Consumed emotionally, many of them lose the spirit to teach and end carrying through its activities without pleasure. With this they can make use of punitive methods in the attempt to educate this population. This work had as objective to argue through educative practice of these professionals, the use of such methods and its implications, in order to promote knowledge of not punitive educative practice, that are efficient to create and to keep a repertoire of referring behaviors to the adjusted interpersonal relations. Emphasizing the necessity of the self-knowledge and the importance of the verbal and not verbal communication.

KEY-WORDS: Educators; Children; Social Vulnerability

* Acadêmica do Curso de Psicologia do Centro Universitário Filadélfia - UniFil. E-mail: anthoniadc@yahoo.com.br

** Docente do Curso de Psicologia do Centro Universitário Filadélfia – UniFil. Mestre em Psicologia.

1. INTRODUÇÃO

Segundo Sidman (2003) a análise do comportamento nos diz que mesmo quando a coerção atinge seu objetivo imediato, a longo prazo estará fadada ao fracasso. Podemos levar pessoas a fazer o que queremos por meio da punição ou da ameaça de puni-las, mas ao nos comportarmos assim, estaremos plantando sementes de desencorajamento pessoal, de isolamento da sociedade, da rigidez intelectual, da ansiedade, da hostilidade e da rebelião. Desta forma podemos levar crianças a aprender punindo-as por não aprender.

O que é o mais comum. Mas essas crianças que aprendem por métodos punitivos podem crescer menosprezando educadores, odiando a escola e evitando o trabalho de aprender.

O presente trabalho apresentou uma intervenção realizada com 7 educadores de um projeto Sócio – Educativo da cidade de Londrina. Este projeto atende 160 crianças, tanto do sexo feminino quanto masculino, de 6 à 14 anos de idade consideradas de risco e vulnerabilidade social. Têm como objetivo proporcionar às crianças e adolescentes em situação de risco e vulnerabilidade social, condições adequadas ao desenvolvimento, através de oficinas que oferecem atividades dirigidas em diversas áreas como música, teatro, dança, artesanato, entre outros. Sob o rótulo de criança em situação de risco social e pessoal, estão sujeitos expostos a ambientes violentos, muitas vezes envolvidos pelo tráfico de drogas, abuso sexual, violência física e psicológica, negligência ou exploração. Um contexto de privações sociais e econômicas que encoraja comportamentos anti-sociais e compromete o desenvolvimento de comportamentos relacionados a auto-estima e ao autoconhecimento. Skinner 1993, define o autoconhecimento como um comportamento de origem social. Só quando o mundo de uma pessoa se torna importante para as demais é que ele se torna importante para ela própria.

De acordo com Skinner (2003), o comportamento social é um comportamento de duas ou mais pessoas em relação a uma outra em um

ambiente comum. Embora diferentes culturas e contextos valorizem comportamentos sociais distintos, há algum consenso sobre o que seja um comportamento social desejável: estabelecer e manter relacionamentos sociais positivos; contribuir construtivamente e cooperativamente com o grupo de pares, família, comunidade; engajar-se em comportamentos saudáveis e afastar-se de comportamentos com sérias conseqüências negativas para o indivíduo, para os outros ou ambos. Engajar-se socialmente implica em que a pessoa emita uma série de respostas que nem sempre tenha desenvolvido de forma apropriada, as quais podem ser agrupadas em categorias como: assertividade, empatia, e outras. Skinner (1993) considera que nossa forma de ser e agir são resultados de três tipos distintos de pressões seletivas, pelas quais passamos: a filogenética (seleção das espécies), a ontogenética (seleção dos comportamentos em cada indivíduo) e a cultural (seleção de práticas culturais). A seleção ontogenética compõe o segundo nível de seleção e neste nível Skinner considera que determinadas condutas ao longo da história de vida do indivíduo foram reforçadas de forma diferencial e por isso se mantiveram no repertório. Muitas condutas que podem ser reforçadoras em um determinado momento para o indivíduo, podem também ser destrutivas a longo prazo para o próprio homem. O indivíduo que não se engaja em atitudes sociais apropriadas perde importantes reforços da comunidade, mas ao mesmo tempo esquiva-se de conseqüências aversivas associadas ao engajamento em atividades grupais (riscos de assalto, comportamentos agressivos do outro, além de aspectos presentes na própria relação, como ser punido pelo grupo quando outro aprova).

Poderíamos dizer que a conduta autocentrada no que tange possibilidades imediatas de reforço para o indivíduo podem acarretar, em algumas situações, conseqüências sérias e irreversíveis para a humanidade. Desenvolver análises funcionais amplas, que permitam entender o indivíduo, mas que também enfoquem o grupo social maior a que este indivíduo pertence, constitui o primeiro passo para a prevenção.

Para Skinner (1968), o ensino pode ser definido como um arranjo de contingências de reforçamento sob as quais o comportamento muda. Para haver mudanças comportamentais efetivas é preciso arranjar novas contingências e o educador só conseguirá realizar tais alterações se olhar para as condições ambientais que as produzem. O analista do comportamento deve fazer parte deste processo. Sua intervenção é de extrema importância para auxiliar os educadores nas dificuldades frente às ações junto às crianças, favorecendo o aprendizado sobre a ocorrência de comportamentos e suas conseqüências, assim como desenvolvendo análise funcional dos comportamentos dos próprios educadores na relação com os educandos. A sua participação deve ser diretamente relacionada às contingências destes contextos, para que através da realidade destes profissionais, possam ser discutidas formas não punitivas de educar, visando uma melhora na relação educando/educador. A análise comportamental do ensino, ao enfatizar a relação do indivíduo com o ambiente e ao explicar por meio dos conceitos de comportamento operante e de contingências de reforçamento as mudanças comportamentais, fornece um referencial teórico que pode ser aplicado ao planejamento de procedimentos de ensino dando aos educadores condições de identificar as ações necessárias para levar os educandos a aprender. O importante não é simplesmente oferecer um conjunto de procedimentos de ensino, ao contrário, o que importa é levá-lo a entender, pelo recurso à análise das contingências.

Este trabalho teve como objetivo discutir através das práticas educativas destes profissionais, a utilização de tais métodos e suas implicações, a fim de promover conhecimento de práticas educativas não punitivas, que sejam eficazes para criar e manter um repertório de comportamentos referentes às relações interpessoais adequadas. Enfatizando a necessidade do autoconhecimento e a importância da comunicação verbal e não verbal. O foco escolhido para análise foram os comportamentos, observados nas interações entre os próprios educadores no decorrer dos encontros.

2. MÉTODO

Os encontros aconteceram semanalmente com duração de uma hora e trinta minutos. Foram realizados oito encontros. As atividades foram escolhidas como estratégia para arranjo de novos contextos e intervenção. Visaram propiciar informações sobre práticas educativas punitivas, não punitivas e estudos de caso. O primeiro encontro foi destinado à apresentação dos participantes e das terapeutas, assim como esclarecimento dos objetivos do trabalho. Posteriormente, no segundo encontro, foram levantados temas junto com os participantes para serem trabalhados durante o projeto. A demanda foi referente à sexualidade, a agressividade e o relacionamento interpessoal. Nos encontros posteriores foram realizadas atividades que envolviam os temas levantados. Com o objetivo de arranjar contingências e para intervenção nos comportamentos dos próprios educadores. Durante os encontros os educadores relataram sentir dificuldades frente aos comportamentos indisciplinados dos educandos. Estes relatavam recorrer a medidas punitivas para consequenciar os comportamentos das crianças. Foram realizadas atividades para desenvolvimento da observação dos comportamentos e suas conseqüências, através de situações fictícias, levantamentos de possíveis comportamentos e reflexão das conseqüências. Também foram realizadas atividades com o objetivo de analisar o funcionamento grupal na realização de uma tarefa, para promoção da integração entre os participantes e fortalecimento dos laços afetivos entre eles enquanto equipe.

3. RESULTADOS

O grupo mostrou-se coeso e empático. Os participantes trocaram experiências. Mostraram-se interessados nas discussões, dispostos a ouvir e aceitar diferentes perspectivas. O vínculo terapêutico também contribuiu muito para o desenrolar deste processo. Verificou-se durante os encontros que os educadores desenvolveram uma reflexão sobre os próprios comportamentos e

expectativas, visto que, ao relatarem situações nas quais descreviam as interações com as crianças, começaram a apontar os antecedentes e as conseqüências para ambos. Ainda foram observados comportamentos referentes às práticas punitivas, hipotetizou-se que este fato se deve ao número de encontros realizados, relativamente baixo. Embora não alcançado resultados evidentes para uma mudança comportamental, pode-se levantar e analisar a atuação do analista do comportamento em outros contextos, como em instituições pró sociais.

CONCLUSÃO

De acordo com Sidman 2003, nossa conduta é sempre resultado de muitas contingências, algumas positivas outras negativas. Pessoas que estão recebendo reforçamento positivo por comportamentos bem sucedido, não têm necessidade de buscar reforçamento negativo por meio de fuga e contracontrole. Reforçadores positivos devem ser contingentes às conduta e as circunstâncias em que as condutas ocorrem. Há necessidade de adequação às características e demandas múltiplas dos adolescentes, analisando as contingências vividas por eles e promotora de tais repertórios.

Todos os “excluídos” devem ser constantemente lembrados. É preciso falar deles, pensar neles e sobre as condições que vivenciam continuamente. Procurando encontrar meios de engajamento, principalmente quando se fala de crianças e adolescentes.

REFERÊNCIAS

- HÜBNER, M.M. de C.; MARINOTTI, M. *Análise do comportamento para a educação: contribuições recentes*. Santo André-SP: ESETec, 2004.
- SIDMAN, M. *Coerção e suas implicações*. São Paulo: Livro Pleno, 2004.
- SKINNER, B. F. *Sobre o Behaviorismo*. 9ª ed. São Paulo: Cultrix, 1993.
- SKINNER, B.F. *Tecnologia do ensino*. São Paulo: EPU-EDUSP, 1972.

CAMPOS , Anthonia; GUSMÃO, Luciana. PROGRAMA DE INTERVENÇÃO COM EDUCADORES DO PROJETO SÓCIO-EDUCATIVO DA CIDADE.

ZANOTTO, M. de L.B. *Formação de professores: a contribuição da análise do comportamento*. São Paulo: EDUC, 2000.

Recebido em: 19 de fevereiro de 2008.

Aprovado em: 16 de abril de 2008.